



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

RECEBIDO
PROCESO Nº 46.023
21.08.98

Assunto

PARECER

PROCESSO Nº 46.023

Esta Comissão, após apreciar o Projeto de Lei, constante do Processo acima mencionado, declara tratar-se de matéria CONSTITUCIONAL.

Este o Parecer desta comissão, que o submete à apreciação do Plenário.

Sala das Comissões, ... de de 1 98 .

JÚLIO RODRIGUES

Presidente

EDES SILVA DA CUNHA

Vice-Presidente

JOÃO HENRIQUE COSTA ROMERO

Secretário

SÉRGIO ALT SILVA

Membro

DELAMAR CORRÊA MIRAPAINETA

Membro



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
GABINETE DO PREFEITO

LEI Nº 4146

DÁ A DENOMINAÇÃO DE "AVENIDA PRESIDENTE TANCREDO NEVES" A UMA VIA PÚBLICA DO NOSSO MUNICÍPIO.

RUBENS EMIL CORRÊA, Prefeito Municipal do Rio Grande, usando das atribuições que lhe confere a Lei Orgânica, em seu artigo 62, inciso II.

Faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

Artigo 1º - É dada a denominação de "AVENIDA PRESIDENTE TANCREDO NEVES" a uma via pública do nosso Município.

Artigo 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Artigo 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO, 15 de dezembro de 1986


RUBENS EMIL CORRÊA
Prefeito

MGN.-

cc.: SMF/SMCP/UCU/SMSU
SMT/ECT/███Publ.
Projeto de Lei CM

Lei Nº _____
de _____ / 1986
Mensagem nº _____

veja

SUPLEMENTO HISTÓRICO

TANCREDO NEVES

(1910 - 1985)



União Nacional, dia lo fo,
entendimento,
conciliação, fregua
na noivos de un
estado de espirito pue enter
de for-ccudo na
comunidade Nacional

A enorme bandeira que festejou o triunfo no Colegio volta a tremular na ultima despedida



EMÍLIO LUISI

A vitória final

I A morte a um passo do poder

Traído pelo destino poucas horas antes de assumir a Presidência da República, Tancredo Neves não pôde dar o arremate numa das mais longas e brilhantes trajetórias políticas que o Brasil já conheceu (Pág. 6)

II O homem que sabia transigir

Afável, elegante, capaz de encontrar pontos de convergência quando as divergências pareciam insanáveis e sempre lembrado em horas difíceis, ele se tornou um especialista na terapia de crises políticas (Pág. 12)

III O homem que sabia resistir

Inflexível na defesa dos seus princípios, ficou em permanente oposição ao regime de 1964 e, perto da vitória no Colégio Eleitoral, avisou ao general Walter Pires que haveria reação a um golpe militar (Pág. 20)

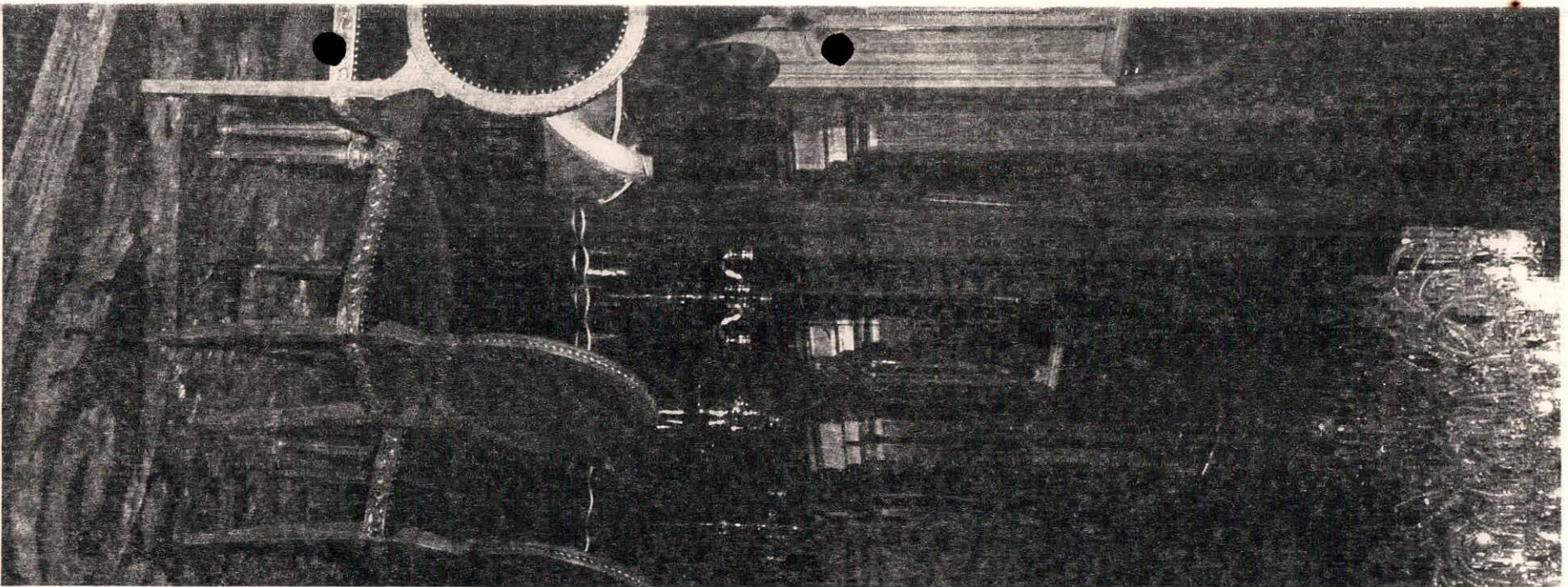
IV Um conservador casado com a liberdade

No fundo, era o conservadorismo que iluminava Tancredo. Poucas de suas tarefas ele concluiu, mas no fim pode-se dizer que tenha fechado com uma vitória a parábola de sua vida, ao ser homenageado na morte pelas multidões (Pág. 28)



Em setembro de 1984, posando para a capa de VEJA já como favorito na sucessão

HUGO KOYAMA



Ele amava seu trabalho, ter pessoas à sua volta, existir. Sempre se mostrou muito satisfeito consigo próprio, e mais razões ainda teria para se sentir assim quando chegou a chance de dar um justo arremate a uma das vocações políticas mais brilhantes da nossa história.

Trapaça do destino

Enfim vencido pela doença no dia de Tiradentes, Tancredo Neves morreu na hora mais ingrata que a má sorte poderia escolher

Morte — alguém foi falar exatamente nisso, naquela hora de comemoração e euforia. Viviam-se dias de festa, logo após a vitória no Colégio Eleitoral, e o doutor Tancredo Neves estava numa roda de políticos, conversando entre risadas e tapinhas nas costas. Falou-se em morte como se pode falar de qualquer coisa, numa roda como essa, e, quando o assunto veio à baila, Tancredo Neves continuou alegre e brincalhão como sempre. Mas encaixou um comentário que, agora, pode ser incorporado ao elenco de suas inúmeras frases de espírito. “Só quero deixar uma coisa bem clara”, disse o presidente, recém-saído do triunfo das urnas. “Quando eu morrer, quero uma lápide que afirme: *Aqui jaz, muito a contragosto, Tancredo Neves.*”

Não há dúvida de que ele amava a vida. Amava seu trabalho, ter pessoas à sua volta, existir e, sobretudo, amava ser Tancredo Neves. Ele sempre se mostrou à vontade e muito satisfeito consigo próprio, e mais razões ainda teria para se sentir assim nos últimos meses, quando a confluência das circunstâncias com seu talento acabou por apresentar-lhe, de bandeja, a chance de concluir com uma pincelada dourada uma vida rica e dar o justo arremate a uma das vocações políticas mais brilhantes que o Brasil já conheceu. Não há dúvida de que ele andava muito alegre, até o dia em que a emergência o arrastou ao Hospital de Base de Brasília. Basta lembrar as imagens de sua viagem pelo mundo — sempre sorridente e triunfante, seja nos grossos capotões com que desembarcou em Roma, seja na cerimônia em que foi contemplado com o barrete dos doutores da Universidade de Coimbra.

Vistas hoje, estas imagens, de apenas dois meses atrás, adquirem o peso do absurdo em toda a sua terrificante dimensão. Como se pôde passar

da euforia à desgraça de forma tão abrupta, traiçoeira e incompreensível? Trata-se de um desses momentos em que se assiste ao assassinato de tudo quanto é lógico e racional. Se mesmo a morte, esta velha trapaceira, para enganar o doutor Tancredo Neves, ele que não se deixava enganar por qualquer um, e roubar-lhe o gozo da suprema vitória. Muito a contragosto, ele morreu. E muito a contragosto os brasileiros também se sentiram roubados pelo destino, privados de ter na Presidência da República o homem que, embora não tenha recebido a unção do voto direto, chegava ao posto mais alto do país envolvido na maior unanimidade já vista na história republicana.

Os funerais de Tancredo, na semana passada, superaram

TANCREDO NEVES

Candidato do Povo
Sanjoanense à
Assembleia Estadual.



Tancredo Neves

Será um batalhador infatigável pelo engrandecimento de nossa região.

Para Governador do Estado:

DR. BIAS FORTES

(Candidato do Povo)

Filho ilustre
desta terra,
sincero
amigo do povo,
o seu
passado o
recomenda aos
sufragios de
todos os
seus
conciudadãos.

O eterno recomeço

Em 1947, o ex-vereador de São João del-Rei que tivera a carreira truncada pelo Estado Novo retoma a trajetória ao longo da qual veria sempre interrompidas as tarefas que iniciara



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

Of. n.º 679 / 86

Rio Grande , 27 de novembro de 1.986.

Proc. n.º 45.520-45.854-45.994-
46.023-46.031.-

Exmo. Sr.

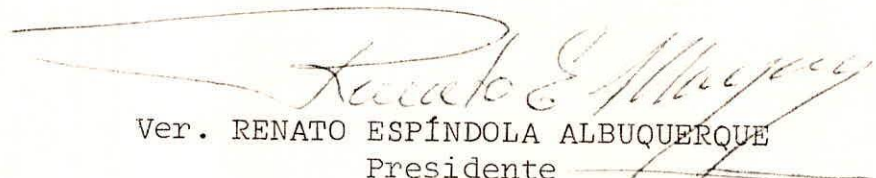
RUBENS EMIL CORRÊA

DD. Prefeito Municipal

Nesta.-

Temos a honra de passar às mãos de V. Exa., para os devidos fins, a(s) inclusa(s) cópia(s) do(s) processo(s) aprovado(s) por este Legislativo Municipal, em sessão realizada, ontem.

Apraz-nos, com o ensejo, renovar a V. Exa. os protestos de nosso elevado apreço e distinta consideração.


Ver. RENATO ESPÍNDOLA ALBUQUERQUE
Presidente

ANEXO

Proj. de Lei que : "DÁ A DENOMINAÇÃO DE WILMAR TAVARES, A UMA VIA PÚBLICA DO NOSSO MUNICÍPIO."

Proj. de Lei que : "DÁ A DENOMINAÇÃO DE ELEUTHÉRIO OCTÁVIO DE CARVALHO A UMA VIA PÚBLICA DO DISTRITO DE POVO NOVO."

Proj. de Lei que : "DÁ A DENOMINAÇÃO DE "ALEXANDRE ENNES" A UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO."

Proj. de Lei que : "DÁ A DENOMINAÇÃO DE AVENIDA PRESIDENTE TANCREDO NEVES A UMA VIA PÚBLICA DO NOSSO MUNICÍPIO."

Proj. de Lei que : "DÁ NOVA REDAÇÃO AO ARTIGO 1º DA LEI Nº 3983 DE 15 DE JULHO DE 1985."

cc. Processo (DS)

SNH/.-

do a que o país já assistira em acontecimentos do gênero. Operaram até os dias de seu mestre e outrora protetor Getúlio Vargas — cujo enterro, até há pouco, era considerado como mais concorrido e emocionado da história política brasileira. Ao ser conduzido, na semana passada, em seu caixão, para o Palácio do Planalto — puxado por militares que, ironicamente, ao longo de sua vida, só fizeram apeá-lo dos postos que tinha no poder —, Tancredo o fazia na condição de presidente que, mesmo não tendo exercido o cargo, mais morreu com os sentimentos íntimos do povo e mais arrebatou o apoio. “Ei, ei, ei, Tancredo é nosso rei”, gritava-se nas ruas. Até monarca Tancredo Neves foi feito, além de herói da nacionalidade, tão estigmatizado pelo destino que lhe coube morrer no mesmo dia de Tiradentes — “aquele herói en-

louquecido da esperança”, que, como ele disse em seu discurso no Colégio Eleitoral, sonhava fazer do Brasil uma grande nação.

Coisa curiosa aconteceu com Tancredo de Almeida Neves, nesse aspecto da adesão apaixonada e esmagadora que acabou obtendo do povo brasileiro nos meses finais de sua vida. “Seu talento é sem par”, já diagnosticava, observando o jovem bacharel, recém-egresso da Faculdade de Direito de Belo Horizonte, o primeiro chefe político de Tancredo, Augusto Viegas — sob cuja proteção o futuro ministro da Justiça, primeiro-ministro, senador, governador de Estado e quase presidente ganharia a primeira eleição de sua vida, para a Câmara de Vereadores de São João del-Rei,



A última arrancada

Em agosto de 1984, o governador se despede dos mineiros com um discurso da sacada do Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte. Nos meses seguintes, o legendário negociador comandaria a aliança oposicionista que derrubou o regime de 1964, numa escalada vitoriosa que só seria estancada pela doença, algumas horas antes da subida da rampa do Planalto



Do então deputado, em 1977, logo após o fechamento do Congresso Nacional pelo presidente da República, Ernesto Geisel.

*

O meu MDB não é o MDB do senhor Arraes e o MDB do senhor Arraes não é o meu, e nós dois sabemos disso há muito tempo. *Às vésperas da reforma partidária de 1979, que desaguarda na criação do PP.*

*

Nós somos amigos há mais de trinta anos e nos últimos dez sempre disputamos a liderança do partido. Eu comandando os moderados e ele os radicais. Neste momento, só eu tenho a liderança das duas alas. Mas não me arriscaria a deixar o governo de Minas Gerais e enfrentar uma candidatura à Presidência da República se o Ulysses não me apoiasse. *Sobre o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, em 1984.*

*

Não se tira o sapato antes de chegar ao rio. Mas também ninguém chega ao Rubicão para pescar. *Muitas vezes, a amigos, políticos e colaboradores.*

*

Podem ficar tranquilos. Vou ser presidente nos mesmos termos do marechal Deodoro: meus ministros vão poder fazer tudo, menos o que eu não quiser que façam. *A um grupo de parlamentares do PMDB, em março passado.*

VEJA-SUPLEMENTO HISTÓRICO

de vida pública, ao longo dos quais seu nome estivera presente em praticamente todas as articulações mais importantes da história nacional. Mesmo assim, não teve mais do que 1,7 milhão de votos, e só com o reforço dos magros 95 000 dados a um seu companheiro de MDB, Alfredo José de Campos Melo, inscrito numa sublegenda, conseguiu superar a soma dos sufrágios dos dois candidatos do então partido do governo, a Arena — Fernando Fagundes Neto e Israel Pinheiro Filho. Quatro anos depois, na disputa pelo governo de Minas, se repetiria o mesmo padrão de vitória suada — com Tancredo perfazendo um total de 2,6 milhões de votos, contra 2,4 milhões do governista Eliseu Resende.

Já nos passos iniciais de sua vida pública, Tancredo se mostrava titubeante nas urnas. Ao candidatar-se a deputado estadual, em 1945 — depois de um período em que o gelo do Estado Novo o condenou ao exercício da advocacia —, ele só se elegeu de raspão, como o último da lista. Mais curiosa ainda, porém, do que a escalada de Tancredo da admiração restrita para a veneração popular é outra característica de sua carreira: quase nunca ele conseguiu concluir as tarefas que iniciou. Esta é uma singularidade que assume foros de maldição, quando vista à luz da última e intragável peça que o destino lhe pregou — e a verdade é que ela já estava presente desde os primeiros tempos, quando de sua eleição para vereador em São João del-Rei. Empossado na Câmara Municipal em 1934 e logo feito presidente da casa por colegas conscientes de seus méritos, o jovem Tancredo cumpria apenas três anos de mandato. Em novembro de 1937, como todos os outros legislativos do país, a Câmara de São João del-Rei seria fechada, atingida pelo raio disparado, do Rio de Janeiro, com o golpe do Estado Novo.

As vezes por vontade própria, outras por imposições da sorte que fazem suspeitar de alguma caveira enterrada no caminho do político mineiro, o fenômeno viria a se repetir sistematicamente, a cada passo de Tancredo. Em 1950, ele foi eleito pela primeira vez para a Câmara dos Deputados e, empossado em princípios do ano seguinte, interromperia seu mandato pouco mais de dois anos depois — chamado pelo presidente Getúlio Vargas, em junho de 1953, para assumir o Ministério da Justiça, no lugar de Francisco Negrão de Lima. Pior seria a passagem pelo ministério, embora Tancredo tivesse chamado esse período, num discurso de 1983, de “o instante mais alto de minha vida pública”. Esse instante alto não duraria mais do que um ano e dois meses, brutalmente interrompido, em agosto de 1954, pelo suicídio de Getúlio Vargas.

Seguiram-se, no diapasão das missões e dos mandatos truncados, os efêmeros nove meses em que Tancredo serviu como primeiro-ministro do presidente João Goulart, durante o período parlamentarista, entre 1961 e 1962. Caso se queira mais, acrescentem-se dois saltos mais recentes da carreira de Tancredo: o mandato de senador, que deixou pela metade para se candidatar a governador de Minas, e o próprio mandato de governador, que cumpriu apenas por pouco mais de um ano, para concorrer à Presidência. Enfim, esse rosário de ironias teria seu ponto de chegada no momento de suprema perfídia da fortuna em que Tancredo, eleito presidente, só chegou morto ao Palácio do Planalto. Não se pense, porém, que ao longo das missões não cumpridas, ou cumpridas apenas pela metade, Tancredo tenha sido um mutilado político. Muito pelo contrário, ao longo das dificuldades e vicissitudes por que passou na vida, Tancredo sempre somou. A ponto de ter chegado ao fim da carreira, e da vida, como um mito — o supremo gênio da política brasileira.





O discurso depois da vitória no Colégio Eleitoral, a 15 de janeiro de 1985: "Vim para mudar"

Ao longo da vida, ele construiu a imagem do político dedicado a costurar os contrários e aparar divergências. Era o supremo mago das articulações impossíveis, o homem capaz de descobrir a saída quando todas as saídas pareciam ter sido esgotadas.

A arte da conciliação

Ao aprender que jamais se fecham portas para a ação política, começou a tornar-se um especialista em missões complicadas

Se fosse o caso de definir Tancredo Neves com apenas uma qualidade, qual seria ela? Que traço de sua personalidade, na percepção popular ou dos políticos, melhor o definiria? Imagine-se um teste de múltipla escolha, em que à figura do presidente Tancredo Neves tivesse de se associar uma das seguintes qualidades, escolhidas entre algumas das características que mais se deseja ver nos homens públicos:

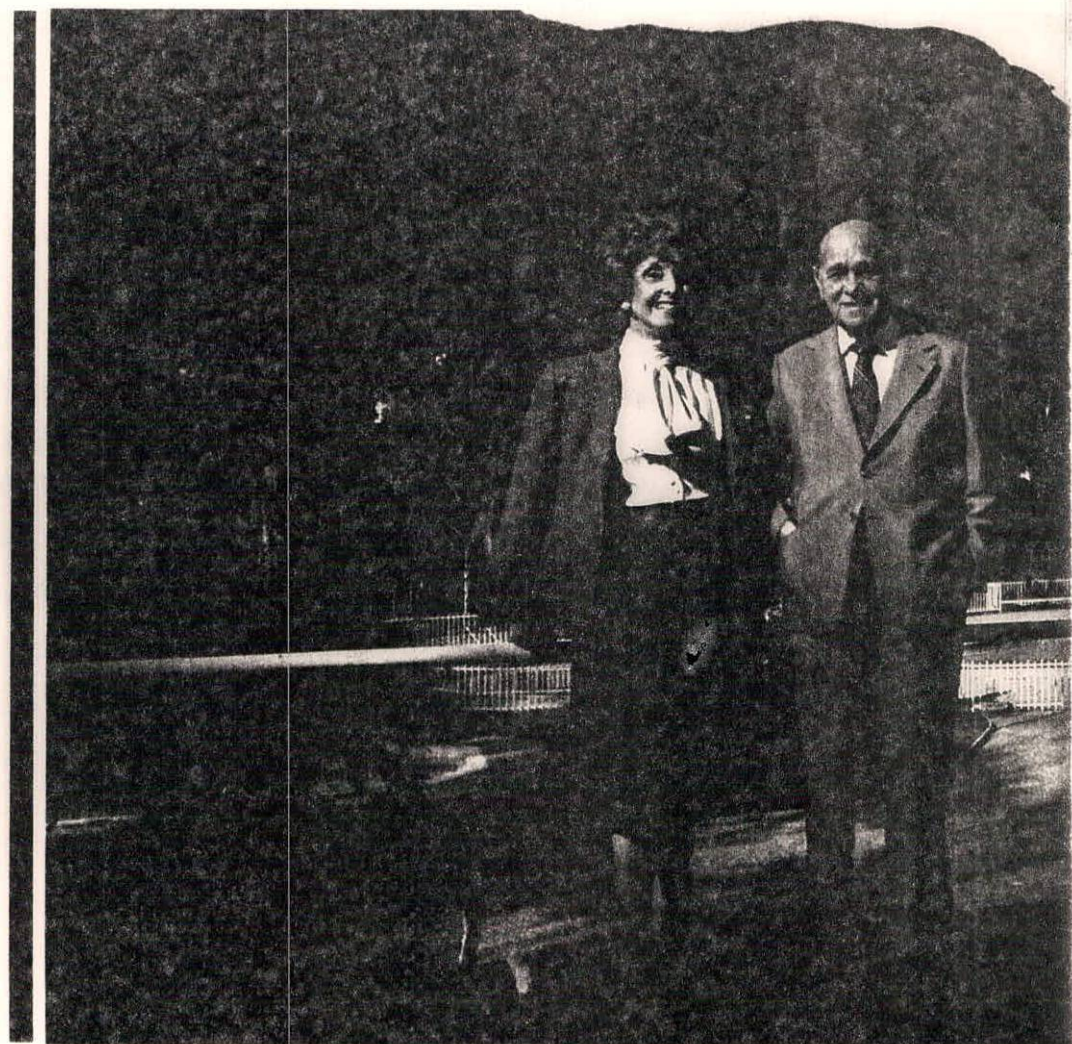
- Carisma;
- Clareza ideológica ou de princípios;

- Espírito conciliador;
- Capacidade administrativa.

Não há dúvida de que mais de 90% — talvez até a unanimidade dos consultados — cravariam na terceira opção: espírito conciliador. O doutor Tancredo, ao longo da vida, construiu a fama de quintessência do político dedicado a costurar os contrários e aparar divergências. Ele era o supremo mago das articulações impossíveis — o homem capaz de encontrar pontos de convergência quando as divergências pareciam insanáveis ou de descobrir a saída quando as saídas pareciam esgotadas.

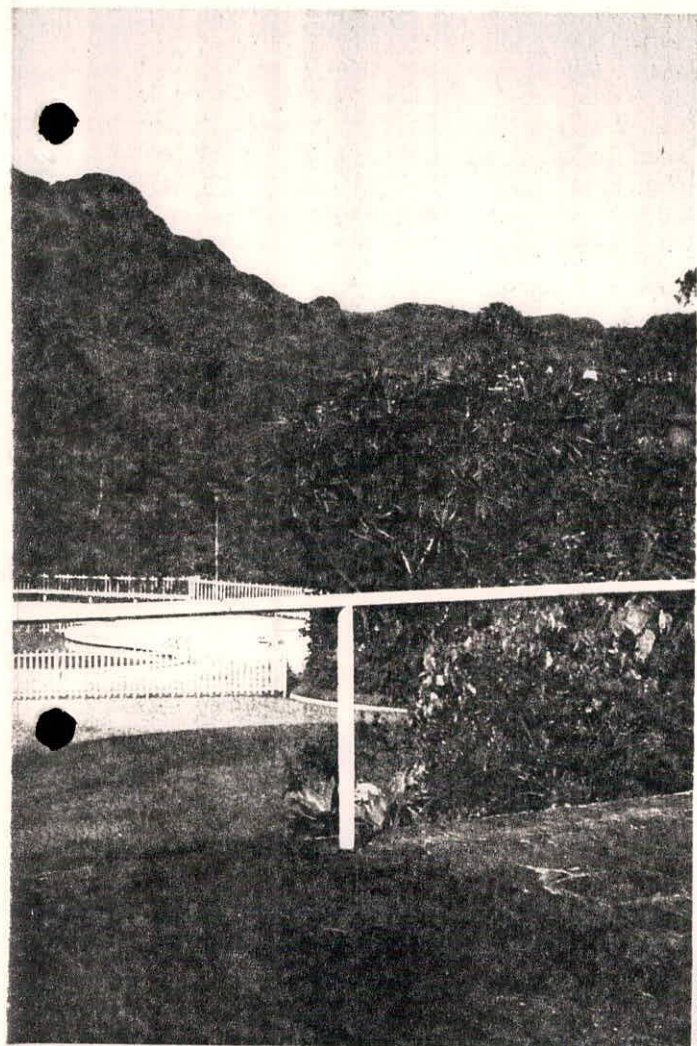
Laços da tradição

Ao se casar aos 28 anos com Risoleta Tolentino, sua primeira namorada, nascida numa família de fazendeiros de Cláudio, em Minas, o “filho de dona Sinhá” para sempre se transformaria, na cidade em que sua mulher havia nascido, no “genro da dona Quita”



Talvez, no fundo, ele até não fosse assim tão conciliador — e isso se verá mais adiante. Não há dúvida, porém, de que o traço conciliador é uma característica dominante de seu caráter, e tem razão o senso comum em associá-lo a Tancredo. Faz pleno sentido uma frase do governador do Pará, Jader Barbalho, pronunciada na semana passada: “Tancredo foi conciliador até na morte. Morreu devagarinho, para que todos fôssemos nos acostumando à idéia de tê-lo ausente”.

O traço conciliador de Tancredo tinha origem, em primeiro lugar, em sua própria afabilidade de trato, algo que se pode retrair a partir do ambiente em que veio à luz, naquela São João del-Rei encravada no que há de mais puro e representativo do espírito da velha Minas Gerais. Nascido o quinto de uma família de doze filhos, no dia 4 de março de 1910, Tancredo Neves pertencia ao que talvez se possa chamar de uma aristocracia brasileira. Não se trata de uma aristocracia do dinheiro, uma vez que seu pai, comerciante de secos e molhados, era apenas remediado, nesse sentido. Nota-se a aristocracia, porém, em hábitos como a tradição de inscrever os filhos na Ordem Terceira de São Francisco — uma instituição à qual Tancredo se associou aos 16 anos. Ou então no profundo cultivo à unidade e às marcas familiares revelado na existência de uma coisa como o Solar dos Neves — o nobre sobrado que, tão simbolicamente, ficou com suas janelas



JUGO KOVANA

VEJA-SUPLEMENTO HISTÓRICO

Susto no barbeiro

Tancredo Neves foi a uma barbearia em Andrelândia, perto de São João del-Rei. O barbeiro pegou a navalha, afiou, começou a barbeá-lo e puxou conversa:

— O senhor não é o doutor Tancredo, que foi promotor em São João del-Rei?

— Sou eu, sim.

— O senhor se lembra de um Jesus, que matou a mulher?

— Jesus Antônio de Resende. Um crime horroroso. Eu mesmo fiz a acusação do malvado. O senhor o conhece?

— Aquele Jesus sou eu mesmo.

Depois de uma pausa embaraçada, Jesus continuou:

— Pois é, doutor Tancredo, é a vida. Cumpri nove dos dezoito anos a que fui condenado, estou aqui, o senhor está aí, o senhor com sua barba, eu com minha navalha. Só queria dizer uma coisa ao senhor: que coisa bonita é um júri, não? Que beleza os discursos que o senhor e o outro doutor fizeram!

E pôs-se a lembrar o julgamento, encantado.

Às vésperas de tomar posse como governador de Minas Gerais, Tancredo mantinha em segredo a composição de seu secretariado, fiel a seu instinto de falar o mínimo possível sobre esse tipo de assunto. Crescia, assim, o nervosismo dos pretendentes, empenhados em arrancar dele a confirmação de suas escolhas. Um desses candidatos, não agüentando mais, decidiu tentar um truque.

— Doutor Tancredo, eu estou numa situação muito incômoda — começou ele. — A imprensa toda está em cima de mim, perguntando sem parar sobre minha ida para o secretariado. Mas eu não posso dizer nada enquanto o senhor não me liberar.

— Ah, meu filho, então não se preocupe mais. Pode desmentir sossegado e, se os jornalistas vierem me perguntar alguma coisa, eu prometo que vou confirmar seu desmentido.

Nunca mais o candidato voltou a atazanar Tancredo.

Primeiro-ministro de João Goulart, Tancredo Neves faz sua primeira visita a Minas desde que fora derrotado na luta pelo governo estadual por Magalhães Pinto, em 1960. Ao entrarem os dois no carro oficial, após uma cerimônia, um dos manifestantes que viajavam Magalhães sem parar enfiou a cabeça pela janela do carro e berrou:

— Careca!

Quebrando o embaraçoso silêncio que se seguiu, Tancredo passou a mão nos próprios cabelos — os que ainda lhe restavam — e comentou:

— Como nos injuriam, não é, governador?

Ao ler o artigo que Andréa, a neta favorita, escreveu para a revista *Vogue*, no ano passado — “Vovô Tancredo, o encanto possível” —, Tancredo, que ia de avião com dona Risoleta para o Rio, emocionou-se e chorou. Ao chegar em casa e cruzar com Andréa, porém, fez questão de não demonstrar nenhuma emoção.

Seu único comentário foi:

— Você não sabe usar as vírgulas.

fechadas e as cortinas corridas durante todo o longo período de agonia do presidente.

A família de Tancredo Neves, não bastasse ter suas raízes numa cidade que é uma homenagem ao rei, ao monarca, ainda apresentava o requinte de possuir personagens que atendiam por apelidos como o de "dona Sinhá" — a mãe de Tancredo. Que mais profundo e secularmente brasileiro se poderia ter, além de uma mãe chamada dona Sinhá? E que mais apropriado poderia acontecer ao filho de dona Sinhá do que se casar com a filha da dona Quita? Pois foi com a filha de Quita, uma matriarca do vizinho município de Cláudio, que Tancredo se casou, aos 28 anos — Risoleta, sua primeira namorada. "Aqui em Cláudio eu não sou o Tancredo", diria o já presidente eleito numa entrevista que deu na fazenda de sua mulher, no começo do ano. "Aqui eu sou o genro da dona Quita."

Com essas origens Tancredo já podia exibir, de berço, a qualidade número 1 dos conciliadores — a simpatia, a elegância de maneiras, a disposição educada para as conversas. A conversa sempre foi sua arma mais cara, na ação política — e seu amor por ela pode ser avaliado por um episódio ocorrido em 1981, durante os funerais do marechal Cordeiro de Farias. Tancredo deu um jeito de, durante a cerimônia, ficar ao lado do general Golbery do Couto e Silva, então chefe do Gabinete Civil do governo João Figueiredo. "É um prazer revê-lo", começou então a dizer. O diálogo era difícil, não só pela circunstância de estarem ambos diante de um enterro, como pelo fato de se tratar de dois notórios adversários políticos — mas Tancredo não perdeu uma oportunidade de reanimá-lo. Quando se ouviu o toque de silêncio, durante a descida do corpo do marechal à sepultura, Tancredo comentou: "Excelente corneteiro!"

Aí se podia notar o doutor Tancredo conciliador em sua melhor forma. Ele era capaz de tudo, até de uma frase como essa, para manter vivo um diálogo — desde que esse diálogo fosse com um interlocutor que realmente importasse. Ele nun-

ca fechava as portas para a ação política. Pelo contrário, estava querendo sempre abri-las — e não é por outro motivo que era sempre lembrado para as missões mais complicadas. "Só me chamam nas horas difíceis", disse Tancredo certa vez, no ano passado, quando seu nome começou a ser cogitado para a Presidência. Ele tinha razão: mais de uma vez, seu nome foi lembrado, quando o nó das divergências ameaçava levar a nação ao colapso. Foi assim em 1961, quando Tancredo recebeu a missão de convencer João Goulart a aceitar o parlamentarismo. Tancredo se saiu bem da empreitada, levada a efeito em Montevideu, onde o vice-presidente aguardava o desfecho da crise aberta com a renúncia de Jânio Quadros e a recusa dos ministros militares em dar posse a seu substituto legal. Tão bem que, logo em seguida, foi feito primeiro-ministro — e só o doutor Tancredo para merecer a confiança de Goulart, a ponto de ser feito chefe do gabinete e ao mesmo tempo se mostrar palatável para uma trinca militar dura como a formada pelo general Odílio Denys, o almirante Sílvio Heck e o brigadeiro Gabriel Grün Moss.

O espírito conciliador de Tancredo era capaz de prodígios que ficarão registrados nos anais brasileiros. Ninguém, por exemplo, foi fiel como ele a João Goulart, a quem acompanhou até o fim e a quem se mostrou leal mesmo depois do fim, ao incluir-se na pequena caravana de políticos que participou de seu sepultamento, em 1976, em São Borja. Ao mesmo tempo, porém, ninguém era considerado mais confiável do que ele, entre os políticos da oposição, pelos arquiinimigos de Goulart que o depuseram do poder e reinaram durante vinte anos no país. Da mesma forma, nenhum político, individualmente, foi um adversário tão ferrenho de Tancredo, ao longo de sua carreira, como Magalhães Pinto — o homem que o condenou à única derrota eleitoral de sua carreira, em 1960, na disputa do governo de Minas,

Um discípulo fiel
Em agosto de 1954,
o ministro da
Justiça do segundo
governo de Getúlio
Vargas chora junto
à sepultura do
seu mestre em São
Borja, no Rio
Grande do Sul. Ele
gostava de mostrar
a caneta que Vargas
lhe dera alguns
dias antes do
tiro no coração





O culto da lealdade
O primeiro-ministro de João Goulart no curto período parlamentarista acompanharia até o fim o presidente deposto. Em 1976, incorporou-se à pequena caravana de políticos que foi ao enterro de Jango, para o discurso de despedida ao amigo morto depois do longo exílio

Parceria afinada
O candidato à
Presidência da
frente formada
pelo PMDB e por
dissidentes do
PDS receberia, à
esquerda, o apoio
de Ulysses
Guimarães, amigo
e frequentemente
rival durante
quatro décadas de
convívio ininterrupto



e o líder civil do movimento que apearia Goulart do poder. No entanto, foi a Magalhães Pinto que Tancredo se juntou, em 1979, para iniciar a efêmera empreitada do PP, ou Partido Popular — a agremiação de centro planejada para ocupar um lugar por ocasião da reforma partidária promovida pelo governo João Figueiredo. São episódios que ilustram uma das máximas prediletas de Tancredo Neves: “Não são os homens, mas as idéias que brigam”.

Da mesma forma como se deu com João Goulart, Tancredo sempre foi fiel à memória de Getúlio Vargas, que ele serviu no segundo governo e que prantearia na sepultura. A verdade é que o doutor Tancredo era um cavalheiro à antiga, que da mesma maneira como beijava a mão das senhoras cultivava outros costumes em decadência, como a fidelidade às pessoas. O cavalheiro Tancredo obedecia a impulsos como o que o fez recusar, em sua viagem à Europa, já na condição de presidente eleito, a diária que o governo lhe ofereceu, tendo em vista que sua missão já era quase oficial. Tancredo não só recusou o dinheiro como fez mais — proibiu que se divulgasse esse fato. Tratava-se de gestos de uma nobreza natural numa pessoa que tinha, numa de suas outras idiossincrasias, uma aversão incontida pela palavra “resto”, quando aplicada a pessoas. Certa ocasião, no aeroporto de Brasília, Tancredo se encontrava com um amigo, num grupo de políticos à espera de um táxi que os levasse à cidade, quando houve uma certa indecisão a respeito de quem ia em qual carro: “Então fica assim”, resolveu o amigo. “Nós vamos neste carro e o resto vai naquele outro.” Tancredo atalhou, suavemente: “Resto não, meu caro. Os demais...”

Claro que Tancredo não era um santo, e que, paralelamente a esses traços elegantes, demonstrasse outros, menos agradáveis para os interlocutores. Como muitos políticos, ele era capaz de elogiar os artigos de um jornalista sem jamais tê-los li-

do, ou de enaltecer as virtudes de alguém quando era óbvio que não acreditava no que estava dizendo — característica que fazem supor que seu instintivo desejo de persuadir pessoas e garantir adesões era maior que sua sinceridade. Também era capaz de negar, da maneira mais peremptória possível, coisas que eram verdades cristalinas — como o encontro que manteve com o então ministro do Exército, general Walter Pires, em setembro do ano passado, durante a campanha eleitoral. Mesmo depois de o próprio ministro ter admitido o encontro, Tancredo continuou a negá-lo — como negou em

A vez do profissional

Nosso propósito é o de presidir um grande acordo nacional para a transformação do Brasil num país restaurado em sua honra, em sua riqueza e em sua dignidade. *Discurso na convenção do PMDB, em agosto de 1984, ao ser indicado oficialmente candidato do partido à Presidência da República.*

A esperança é o único patrimônio dos deserdados, e é a ela que recorrem as nações, ao ressurgirem dos desastres históricos. *Idem.*

Até agora ele só enfrentou amadores, não enfrentou ninguém profissional. *A um jornalista que se referiu à fama de imbatível do deputado Paulo Maluf.*

O meu será um governo de centro, com tendências para a esquerda conservadora. *Após sua escolha como primeiro-ministro do governo João Goulart, em 1961.*



Fim de um ciclo
No dia seguinte
ao da votação
no Colégio
Eleitoral, o
presidente João
Figueiredo
abriria as portas
do Planalto ao
homem que havia
liderado a aliança
responsável pela
volta dos civis
ao governo

público, até o fim da vida, o encontro secreto que manteve com o presidente João Figueiredo, na Granja do Torto, em 1981.

Em outros políticos, traços como esses talvez acabassem por gerar a pecha de mentiroso ou de insincero. Não no doutor Tancredo. Ele negava o encontro com Figueiredo, é verdade, mas nele não foi vender transigências em segredo. Pelo contrário, avisou ao general que, se as regras eleitorais fossem mudadas, o PP, a que então pertencia, penderia para a radicalização partidária. Figueiredo não acreditou e baixou um

pacote instituindo o voto vinculado de governador a deputado estadual. Tancredo cumpriu sua promessa: fundiu o PP ao PMDB e gerou a grande vitória oposicionista de 1982.

Ao surgir na crista da onda incontida que começou na campanha pelas eleições diretas — nas quais não acreditava e, de certa forma, não preferia — e fluíu para sua própria campanha presidencial, Tancredo acabou se convertendo numa unanimidade irresistível até para alguém teimoso e com dificuldades para superar antigos rancores como o presidente Figueiredo. Quando se começou a falar da possibilidade da candidatura Tancredo, Figueiredo comentava com amigos e assessores próximos que “Tancredo Never” — trocadilho com a palavra inglesa *never*, ou nunca. No fim, digeriu Tancredo a ponto de recebê-lo cordialmente no Palácio do Planalto, no dia seguinte à votação no Colégio Eleitoral — e o gesto é hoje ainda mais significativo quando se lembra que no dia 15 de março, com Tancredo já doente, Figueiredo cometeu a última grosseria de sua vida pública e recusou-se a passar a faixa presidencial ao vice José Sarney, saindo pelos fundos do Palácio do Planalto.

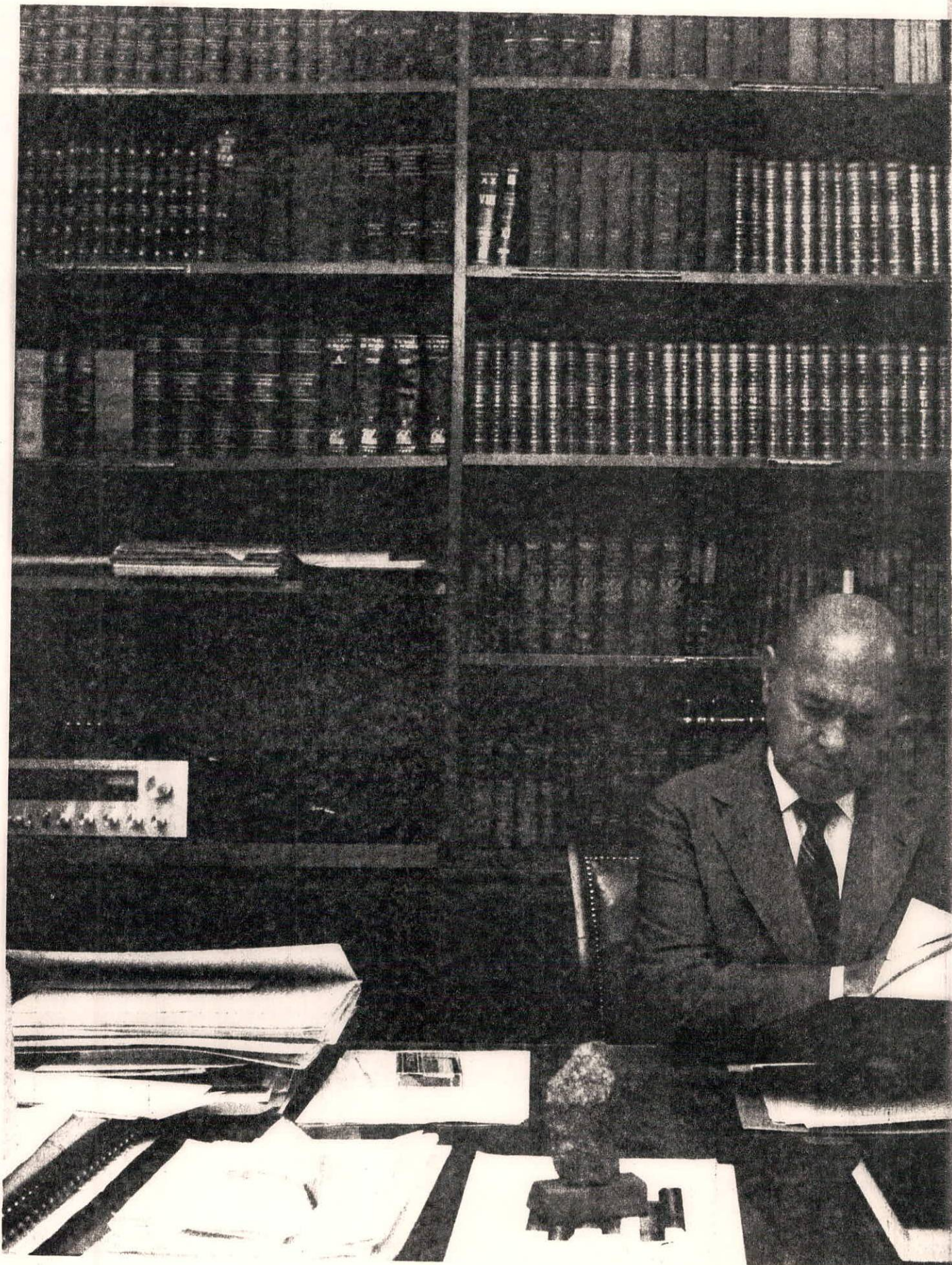
À sua esquerda, ao mesmo tempo, Tancredo recebia o amparo de seu velho amigo e rival Ulysses Guimarães — parceiro de dobradinhas históricas no jogo de avanços e recuos contra o regime militar. Tancredo gostava de se descrever como um moderado e de afirmar que tinha feito da conciliação nacional a grande tarefa de sua vida pública. “Tancredo, no dicionário dos nomes próprios, quer dizer conciliador, temporizador, pacioso”, lembrou ele numa entrevista no começo do ano, evocando o próprio nome para confirmar a virtude com que seria mais identificado. Seria ele, porém, realmente um conciliador? Ou, por outra: estaria neste único traço a chave maior para explicar o que foi realmente Tancredo Neves, na sua passagem de cinquenta anos pela vida política brasileira?

Nação sem Constituição oriunda do coração de seu povo é nação mutilada na sua dignidade cívica, violentada na sua cultura e humilhada em face de sua consciência democrática. Ao despedir-se do Senado, em março de 1983, para assumir o governo de Minas.

Ou promovemos, com urgência, as grandes transformações que a nação reclama em altos brados, que só os delirantemente surdos não querem ouvir, ou então — não nos iludamos — essas transformações se farão à nossa revelia, sem nós e até contra nós. Idem.

E então, vamos conversar? Mas não em sigilo. Esta é a maneira mais rápida, eficiente e segura de se propagar por todo o país quem disse, o que e onde. A um grupo de jornalistas.

Não é nada disso, minha filha. Macho é hoje uma palavra unissex. À deputada Ruth Escobar, desculpando-se por ter dito que a campanha eleitoral era “uma luta para machos”.



IUGO KOYAMA



Em 1983, o governador de Minas
em sua biblioteca: a
conciliação mineira

É um engano enxergá-lo apenas como um campeão da conciliação: ele sempre soube agir com firmeza e intransigência diante de certos princípios. Astuto no varejo da política, não transigia no atacado, numa síntese das duas vertentes da velha escola mineira.

Sábria intransigência

Em vinte anos de regime militar, o líder da ala moderada da oposição sempre soube a hora de ser agressivo e inflexível

Num dos mais delicados períodos do ano passado, quando se articulava nos setores mais radicais das Forças Armadas e do PDS um esquema golpista, um político procurou o então ministro do Exército, general Walter Pires, e pronunciou a seguinte frase:

— Ministro, estamos preocupados com a possibilidade de um golpe. Tenho de avisá-lo de que, se vier o golpe, virá a resistência, e haverá derramamento de sangue.

Imagine-se agora um outro teste de múltipla escolha. Qual, entre os políticos abaixo, é o autor dessa frase:

- Ulysses Guimarães
- Tancredo Neves
- Luiz Inácio Lula da Silva
- Leonel Brizola

Acertou quem optou pela segunda alternativa: Tancredo Ne-

ves. O doutor Tancredo era capaz de ousadias como praticamente encurralar o ministro do Exército com o gambito que lhe ofereceu naquele encontro secreto de setembro. A frase, revelada por Tancredo a VEJA sem qualquer excitação, pode ter sido proferida com serenidade e cautela. No entanto, era uma ameaça — a ameaça de um intransigente que desde 1964 estava na oposição ao regime, com o objetivo final de derrubá-lo.

Pode-se perguntar, diante disso, onde fica o famoso espírito conciliador do doutor Tancredo. A resposta é que o espírito conciliador, embora forte e decisivo na personalidade de Tancredo, não explica tudo. Há algo que não fecha, algo que fica faltando, quando se enxerga Tancredo apenas como campeão da conciliação. E se algo é a firmeza e a intransigência diante de certos princípios — uma característica que aparentemente contraria o traço conciliatório, mas que na verdade o amplia e o torna operacional.

Rota solitária
Quando Castello Branco dissolveu os antigos partidos e criou apenas duas agremiações — uma a favor do governo, outra contra —, o ex-chefe do gabinete parlamentarista foi a única estrela do velho PSD mineiro a filiar-se ao MDB





Limites do apreço
Em 1964, ao ouvir de seu amigo Juscelino um apelo para votar no marechal Castello Branco na eleição do primeiro presidente do regime militar, o ex-líder do governo Goulart iria contrariar a decisão do PSD. Preferiu votar em branco

O GLOBO

Pedindo sem pedir

Em 1978, Tancredo Neves apoiou a candidatura do general Euler Bentes Monteiro à Presidência da República, pelo MDB, mesmo sabendo que ele não tinha nenhuma chance de vitória. Mas não aceitou, de jeito nenhum, quando Euler, a certa altura, pensou em renunciar em favor de outro general, Hugo Abreu.

— Este general tem 60 anos e pula de 2 000 metros de altura com um pára-quadras — argumentou. — O presidente da República tem que ser um homem que não desce nem a calçada sem prestar atenção ao meio-fio.

E concluiu:

— Como é que podemos confiar em alguém que pula de pára-quadras?

Tempo atrás, quando era governador de Minas Gerais, Tancredo ligou para o deputado Fernando Lyra, então secretário da Mesa da Câmara, um cargo que lida com o funcionamento da máquina administrativa da casa.

— Como vai, Fernando? Você viu que tristeza? O Manuel morreu — disse Tancredo.

Lyra, que não sabia quem era Manuel, levou a conversa adiante.

— Pois é, doutor Tancredo. Que coisa mais desagradável — respondeu.

Depois de trocarem condolências por alguns minutos, Lyra enfim ficou sabendo que Manuel era um funcionário encarregado de cuidar do gerador da Câmara dos Deputados.

— O problema, Fernando, é que, morrendo o Manuel, a mulher dele, a Maria, perde a casinha funcional que eles tinham... — prosseguiu Tancredo, entrando finalmente no centro do assunto.

— Bom, aí a coisa fica meio complicada — devolveu Lyra. — O senhor sabe muito bem a dificuldade que é essa questão da casa...

— Eu sei, Fernando, mas quem sabe a gente não dá um jeito. Olha, nestes últimos anos o filho do Manuel já vinha ajudando o pai a cuidar do gerador. Será que não se poderia fazer alguma coisa? — insistiu Tancredo.

— Bem, neste caso... É, está certo. O senhor quer então que eu nomeie o filho do Manuel aqui para a Câmara?

— Não, Fernando, eu não quero nada. O que eu quero é que a Maria não perca a casa...

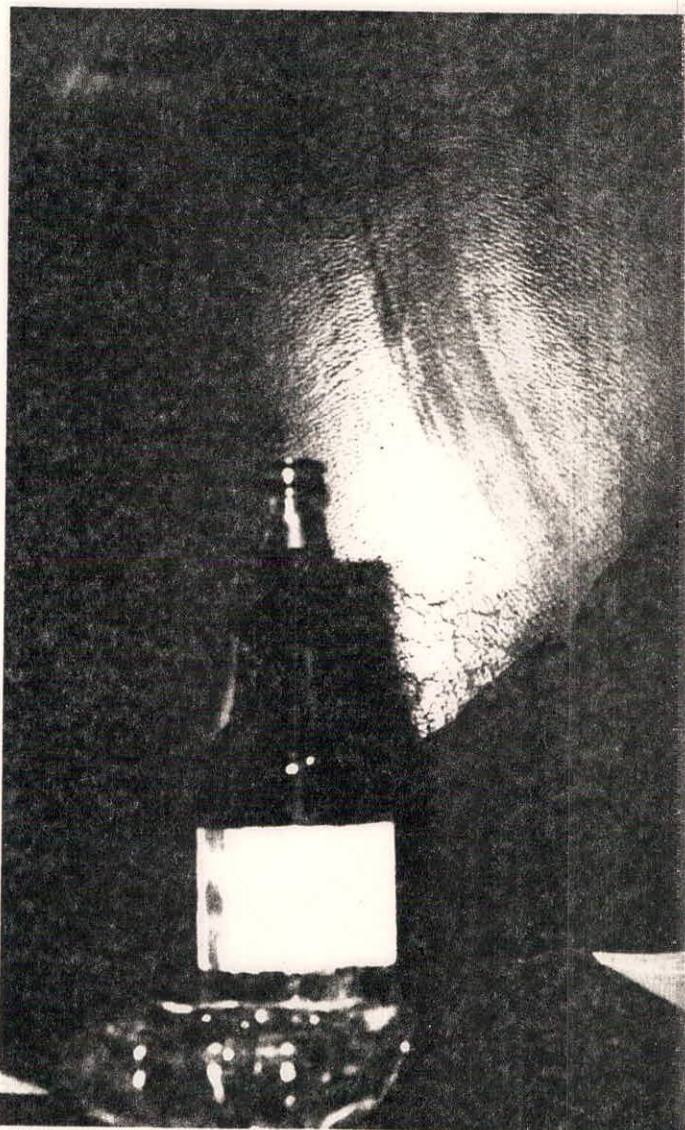
Maria não perdeu a casa, e Tancredo, em nenhum momento, pediu que o filho de Manuel fosse nomeado.

Certa vez, o deputado Thales Ramalho revelou: “O doutor Tancredo vê novela”. Isso veio a se confirmar tempos depois, quando Tancredo, já senador, recebeu, num grupo de artistas que faziam reivindicações no Congresso, a visita de Betty Faria e Sônia Braga.

— A Betty eu reconheci logo — disse depois aos jornalistas —, mas custei a reconhecer a Sônia Braga. Ela estava sem maquiagem, tão simples, coitada, que mais parecia uma líder do PT.

E completou, numa referência à novela *Gabriela*:

— Que diferença de quando ela subia no telhado para pegar uma pipa, sob o olhar atento de Nacib e dos telespectadores.



SERGIO BEREZOVSKY

Essa combinação existente em Tancredo Neves talvez fique mais clara quando se tem em conta o meio em que ele cresceu politicamente, entre as lições e a prática da escola mineira. Liberais históricos como Milton Campos e Pedro Aleixo ou legendários astuciosos como José Maria Alkmin e Benedito Valladares foram seus contemporâneos, amigos e adversários em todo o período que vai do Estado Novo à República de 1946, mas de todos eles Tancredo diferiu. De todos Tancredo foi amigo, embora a todos fustigasse com sua ironia mordaz, observando-os nos mínimos detalhes de sua atuação — e observá-los, em seu início de carreira, valeu mais do que qualquer universidade.

Nessa geração de políticos mineiros encontram-se as duas vertentes sobre as quais se assentam dois dos mais acabados paradigmas de homens públicos brasileiros. Por um lado há o político matreiro, esperto por índole e prodigioso em sua capacidade de sobrevivência — aquela espécie que, tendo Valladares e Alkmin como supremos paladinos, se convencionou chamar de “raposas políticas”. Valladares, ex-governador e ex-senador, era aquele que ficava “rouco de tanto ouvir”. Alkmin, talvez o político brasileiro de mais rico anedotário, era capaz de saídas

Astucioso como uma raposa, Tancredo poderia ter acabado num vôo curto como o de Alkmin e Valladares. Severo como um udenista, podia ter sucumbido no serviço ao regime de exceção. Se conseguiu evitar os dois desfechos lamentáveis, isso se deveu exclusivamente às suas características pessoais. Há mais de duas décadas ensina-se no Brasil que os homens em si não têm muita importância na história, pois o que prevalece, ao fim das contas, são as forças sociais. Tancredo é o desmentido exato dessa teoria, pois as forças sociais que agiram ao longo de sua vida eram as mesmas que passavam diante dos olhos de Alkmin, Valladares, Milton Campos e Pedro Aleixo. Até um determinado período pode-se argumentar que Tancredo, exatamente por perceber a vitalidade das forças sociais, foi intransigente com um regime que ele sabia condenado a uma morte triste, ainda que lenta. Pode-se supor que essa percepção alimenta a intransigência de Tancredo até 1974, quando a primeira eleição livre mostra a debilidade da ditadura. Nesse ponto, entra de novo o conciliador, procurando articular a oposição moderada sem jamais desligá-la, em última instância, do radicalismo libertário. Ao articular duas posições aparentemente opostas, Tancredo armava não só o fim de um regime, mas as bases de outro. E quase não se percebia, mas esse novo regime, discretamente, só seria possível, no seu aspecto ideal, com Tancredo Neves à frente.

De nariz tapado

As alvoradas da liberdade não surgem como um acontecimento natural. As manhãs da liberdade se fazem com a vigília corajosa dos homens que exorcizam com sua fé os fantasmas da tirania. *Ao deixar o governo de Minas Gerais, em agosto em 1984, para concorrer à Presidência.*

1984 foi o ano da alvorada, anunciador das grandes mudanças que deveriam começar em 15 de março de 1985, mas que já são visíveis e profundas e enchem de orgulho toda a sociedade brasileira. *No artigo que escreveu para a seção Ponto de Vista da última edição de VEJA do ano passado.*

Partidos que renunciam à luta, que abdicam de seu dever de pelejar pela harmonia das condições do povo, não são partidos políticos. Podem ser, quando muito, um grêmio literário ou uma confraria de São Vicente de Paula. *Crítica à decisão do PT de não comparecer ao Colégio Eleitoral.*

Por favor, me deixem em paz. Não tenho nada a dizer. Não quero ser a Sandra Bréa do MDB. *A um grupo de jornalistas.*

A cabeça do Magalhães funciona como um terreno baldio, onde há sempre alguém atirando alguma sujeira. *Aborrecido com o deputado Magalhães Pinto por ele ter pregado um golpe, em 1984.*

Para descansar, temos a eternidade. *Muitas vezes, a amigos, políticos e colaboradores.*

A grande decepção da minha geração é que achávamos que a democracia estava definitivamente assegurada no país. Hoje vemos que quem tinha razão era o Otávio Mangabeira, para quem nossa democracia era uma plantinha muito tenra. *Numa entrevista em 1977, pregando a volta aos princípios democráticos.*

É tapar o nariz com o lenço e ir ao Colégio Eleitoral, se isso for necessário. Pode ser ruim, mas não ir pode ser péssimo. *Em junho de 1984, quando sua candidatura indireta à Presidência da República já era fato consumado.*

Para a esquerda eu não vou. Não adianta empurrar. *Durante a reformulação partidária de 1979.*

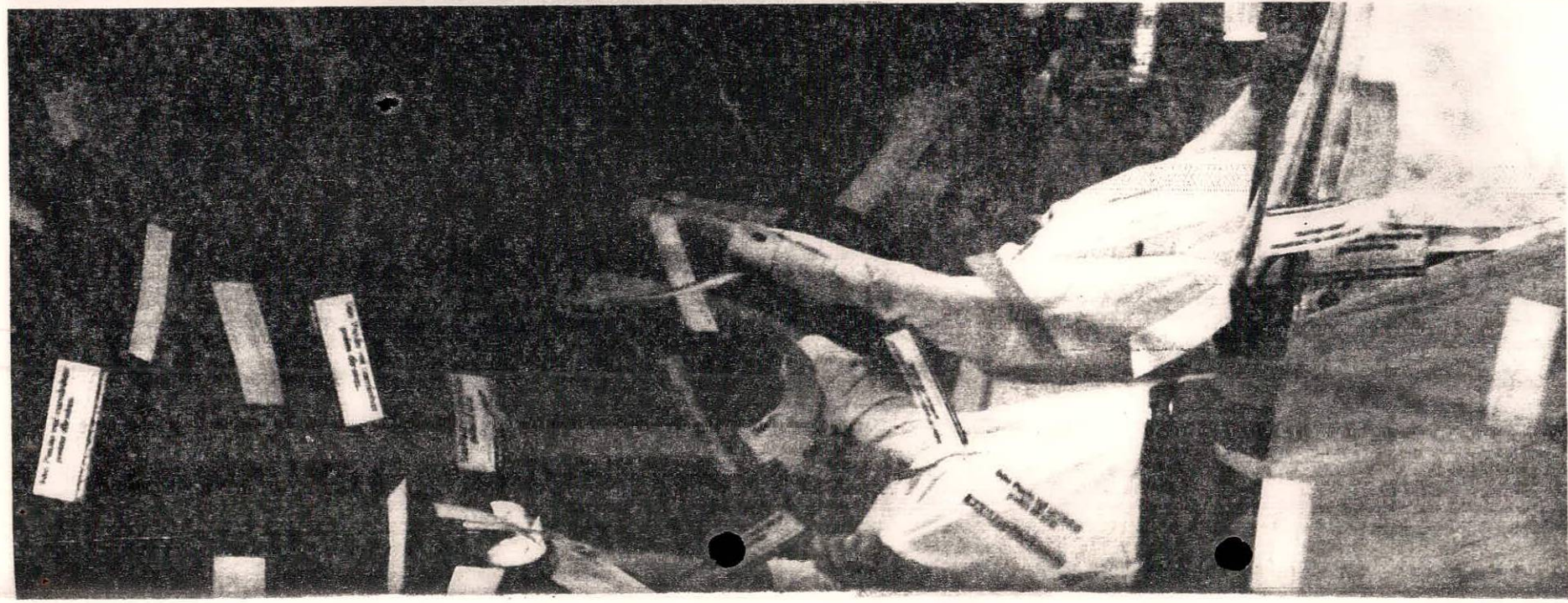
Ocupei, sem que houvesse disputado, os mais altos cargos do governo e da oposição de meu país e os deixei empobrecido, vivendo dos meus subsídios, reforçados com os "papagaios" que renovo de três em três meses nos bancos amigos. *Numa entrevista em 1979.*

O processo ditatorial, o processo autoritário, traz consigo o germe da corrupção. O que existe de ruim no processo autoritário é que ele começa desfigurando as instituições e acaba desfigurando o caráter do cidadão. *Discurso em 1982.*





No primeiro grande comício das
diretas, na Praça da Sé, em
São Paulo, a 25 de janeiro de 1984



Nos seus costumes, nos gestos como nas convicções, ele era um conservador. Cultivava laços com a tradição e o passado. Sem alaridos de erudição nem proclamações de coragem, percebeu, muito cedo, que a história do Brasil é singularmente generosa para com os conservadores.

Estofado de conservador

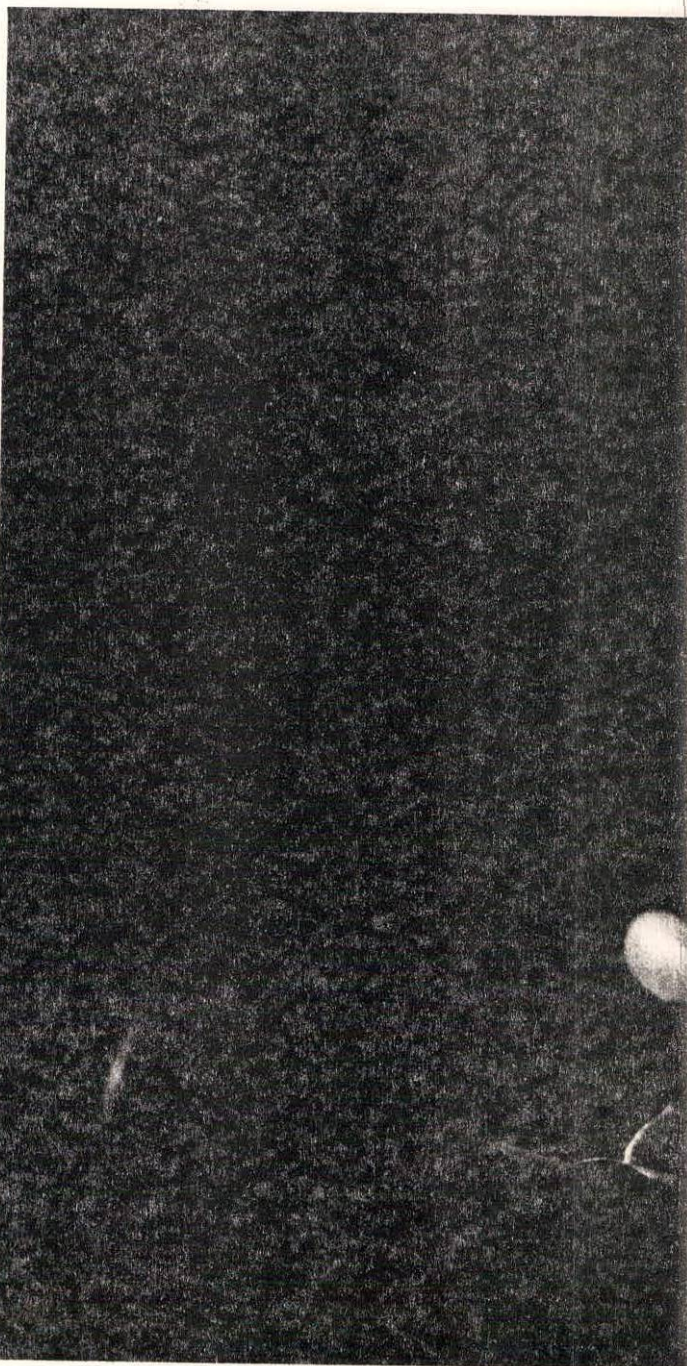
Convicções fundadas no tradicionalismo e uma profunda ligação com o passado completavam a personalidade do político Tancredo

Sempre de terno e gravata, polido nas maneiras, religioso. Raramente se encontraria, no elenco de políticos brasileiros, alguém de hábitos tão conservadores como Tancredo de Almeida Neves. Sua maneira de fazer discursos era meio antiquada, sempre com a voz tremida. Mesmo seu vocabulário tinha palavras antiquadas como pátria — que ele pronunciava insistentemente, sem medo de parecer fora de moda. E sua fé era cimentada na Igreja antiga, a Igreja milenar dos paramentos, das procissões do Senhor Morto e do dever de ir à missa — como aquela a que compareceu na véspera do que seria o dia da posse, e que se converteria no último ato público a que se fez presente. Tinha horror a matrimônios rompidos, palavrão e música barulhenta.

No seu caso, as aparências não enganavam — o doutor Tancredo era realmente um conservador, na intimidade de suas mais profundas convicções. O traço conservador completa o ciclo. Juntamente com seu espírito conciliatório, e com os princípios que balizavam sua ação, o conservadorismo de Tancredo arremata a sua figura — e explica por que, num determinado momento, ele era o homem talhado para a quadra histórica vivida pelo Brasil, como raras vezes os homens foram talhados para o momento histórico, no país. O lado conservador era a âncora que Tancredo podia lançar para todo um lado do Brasil — do empresarial ao militar — e garantir sua adesão ao projeto de transição do regime que ele encarnava.

O conservadorismo de Tancredo não se confunde, porém, com o desgaste dessa palavra posterior ao regime militar. Ele tinha talvez tanto horror ao comunismo como o general Newton Cruz — mas nunca mandaria prender ou espancar em nome dessa sua convicção, nem de nenhuma outra. Pelo contrário, num caso como esse, Tancredo ficaria — como ficou em numerosas ocasiões em sua vida — ao lado dos comunistas e contra os truculentos que tentassem abatê-los. “O MDB está cheio de comunistas”, dizia em 1975, “mas enquanto houver um regime de exceção nada direi contra eles.” Truculência ou prepotência são traços que começaram a ser associados, e às vezes até confundidos, com o conservadorismo, depois da instituição dos regimes militares direitistas. O doutor Tancredo nada tinha a ver com isso. Seu conservadorismo sempre esteve embasado na civilização e na lei à antiga.

Mas que era conservadorismo, era. Quando lhe perguntavam, por exemplo, qual era o maior problema do país, Tancredo não responderia que era a injustiça ou a desigualdade. Ele diria que era a inflação — e até aplicaria para ela o epíteto que os conservadores tradicionalmente aplicam, o de “flagelo social”. O doutor Tancredo detestava a desordem monetária. Detestava a desordem, em geral. Gostava de orça-

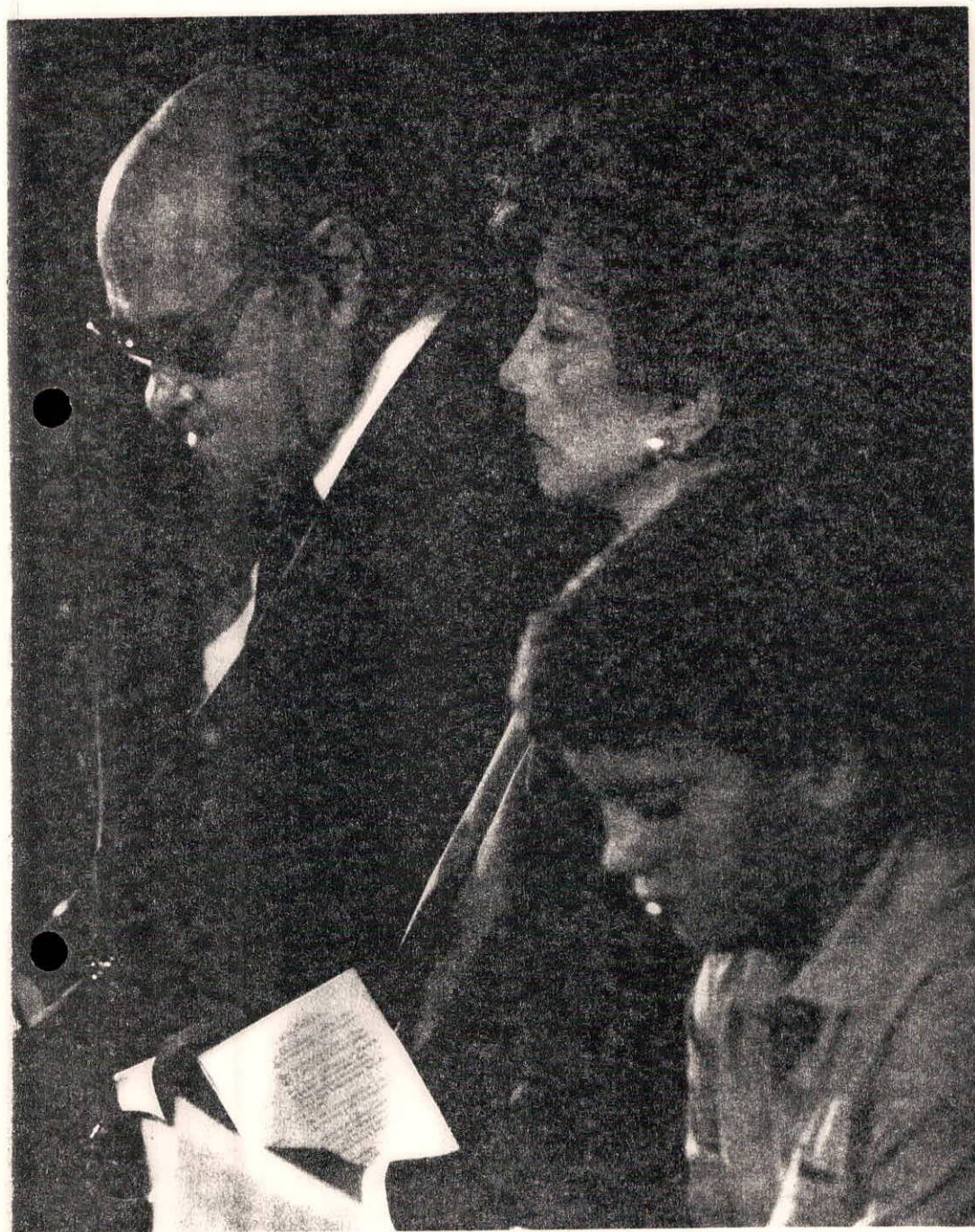


JORGE ROSENBERG

entos equilibrados e austeridade — todas características dos conservadores.

A São João del-Rei barroca, secular e paroquial onde foi criado tem a ver, naturalmente, com o conservadorismo de Tancredo. Outra parte pode ser debitada às suas leituras e gostos intelectuais. Tancredo nunca leu Marx. Ele leu Diderot, Rousseau e Montesquieu. Ele era de um tempo, e de um lugar, em que a cultura francesa ocupava um lugar soberano e inquestionável, como fonte de saber e guia do espírito. Durante sua viagem à Europa, Tancredo contou com orgulho ao presidente francês, François Mitterrand, que lhe tinha lido Diderot numa edição rara, pertencente ao acervo da biblioteca pública de São João del-Rei. Romancistas como

Anatole France — ou o português Eça de Queirós, outra de suas preferências — serviram ao mesmo tempo para consolidar-lhe um traço que se casaria perfeitamente com o conservadorismo: o ceticismo. O ceticismo de Tancredo às vezes chegava a chocar certos interlocutores, dada a maneira chã com que o levava a encarar as pessoas e as coisas. “Qual será o seu último ato como governador de Minas?”, perguntaram-lhe certa vez, às vésperas de ele se desincompatibilizar do cargo para concorrer à Presidência. Tancredo fez um muxoxo: “Ora, provavelmente alguma nomeação”. Alguns traduziam o ceticismo de Tancredo como um traço negativo — um sinal de alheamento ou desdém pelas coisas, quando não de descrença na natureza humana. Para outros, no entanto, tratava-se daquele ceticismo que, especialmente nas pessoas mais velhas, serve



Último ato

Dotado de uma fé à antiga, fundada na Igreja dos sacramentos e das procissões, Tancredo Neves foi à missa, na véspera do que seria o dia da posse. Acabaria sendo esta sua derradeira aparição pública antes da fatalidade que o arrastaria ao hospital e do sofrimento que o conduziria à morte

Modelos históricos
Getúlio Vargas, de quem foi próximo colaborador, era o presidente que Tancredo Neves mais admirava na história do Brasil. O marquês de Paraná, grande figura do Segundo Império (na página oposta), era um de seus heróis do passado — um político no qual via traços com que se identificava e cuja obra lhe servia de inspiração



para irrigar a sabedoria e fazê-la crescer. Portanto, seria um traço positivo — ainda mais que daria a seu possuidor uma perfeita consciência dos limites, seus e dos outros.

O ceticismo reforçava o traço conservador. Um cético jamais acreditará no poder miraculoso das reformas — para não dizer das revoluções. Mudanças o doutor Tancredo admitia, e até as favorecia — mas sempre dentro do quadro da continuidade, e não da ruptura. “Socialismo, no Brasil, seria a distribuição da pobreza e da miséria”, dizia ele, repetindo um argumento usado à exaustão pelos conservadores.

Pode-se identificar no lado conservador de Tancredo, e no gosto pela austeridade que daí decorria, certas reservas que ele fazia, em privado, a Juscelino Kubitschek — paradigma no Brasil de governante gastador, e até descontrolado em sua tendência para o desenvolvimentismo a qualquer custo. Quando lhe perguntavam qual foi o melhor presidente que o Brasil já teve, Tancredo sempre citava dois — Juscelino e Getúlio Vargas. A verdade, porém, é que de Juscelino ele não gostava tanto. A razão por que o citava sempre fazia parte de seu estoque de astúcias: um mineiro, segundo Tancredo ensinou certa vez a um correligionário, Eduardo Toledo, jovem candidato a deputado em Minas, jamais poderia esquecer Juscelino Kubitschek.

Lição de confiança

Quando Tancredo Neves era primeiro-ministro, no governo João Goulart, sua mulher, dona Risoleta, quis levar de Belo Horizonte uns quadros seus, para enfeitar a Granja do Ipê, onde moravam. Tancredo não deixou.

— Ninguém nos verá trazendo estes quadros — argumentou —, mas, quando formos embora, todos nos verão levá-los.

*

Um político pernambucano pediu a Tancredo Neves, quando ele era governador de Minas, que nomeasse alguns amigos para cargos na agência do Banco do Estado de Minas Gerais no Recife. Tancredo concordou.

Passados alguns dias, o autor do pedido, querendo amarrar de vez as nomeações, voltou a Tancredo.

— Doutor Tancredo, o senhor se lembra do assunto do Bemge que nós tratamos outro dia? — começou.

— Claro, claro — respondeu Tancredo.

— Sabe, doutor Tancredo, meu pessoal lá em Pernambuco está um pouco ansioso... Eles têm me telefonado muito, querendo saber se tudo está certo mesmo... — avançou o político.



OLEO DE EMIL BAUCH

— É fácil — respondeu Tancredo na hora. — É só você dizer para eles que acreditem na sua palavra. Assim como você acredita na minha, não é?

As nomeações saíram e o político aprendeu a lição. “Nunca mais cobrei nada de Tancredo”, confessou depois.

*

Nos tempos do governo Medici, Tancredo Neves muitas vezes se encarregava de escrever as notas oficiais do MDB. Nas ocasiões, abusava de expressões como “ditadura militar” e outras pouco condizentes com sua posição de expoente da ala moderada do partido. Aos que se assustavam com sua linguagem, ele explicava:

— Faço de propósito. Assim, os radicais é que vão cortar. Se a nossa nota for muito amena, eles vão querer acrescentar coisas, e vai ficar muito pior.

*

Um eleitor em São João del-Rei foi a Tancredo e lhe disse:

— Vou contar um segredo para o senhor. Mas é só para o senhor. Ninguém mais pode saber.

— Então não conta não, meu filho — respondeu imediatamente Tancredo. — Se você, que é dono do segredo, não é capaz de guardá-lo, imagine eu...

A esse mesmo interlocutor, no entanto, quando prensado, durante a campanha para o Senado, em 1978, a dizer qual dos dois presidentes, afinal, considerava melhor, Tancredo respondeu: “Olhe, meu filho: Getúlio foi melhor”. Getúlio foi o mestre definitivo que Tancredo encontrou na vida. Quem se lembra bem de Getúlio reconheceu a mão do mestre, inclusive, na última obra-prima de Tancredo, a empreitada de engenharia política que foi a armação de seu ministério. Ali estariam presentes a mesma manha e a mesma capacidade de costurar os contrários do histórico presidente da carta-testamento. “Vamos deixar as ondas baterem e depois estudamos a espuma”, disse ao seu sobrinho Francisco Dornelles, no mais puro estilo de Getúlio.

A Vargas, Tancredo devia sua súbita e inesperada ascensão à primeira linha da política nacional quando, ainda jovem deputado federal em primeiro mandato, foi feito ministro da Justiça, em 1953. Getúlio teve sua atenção despertada para o então pouco conhecido político mineiro quando este aceitou a incumbência de defender, no Congresso, e acabou por fazê-lo com sucesso, um veto presidencial que nenhum outro parlamentar governista se dispunha a defender, tão difícil se afigurava a tarefa. Logo depois Getúlio quis conhecê-lo pessoalmente, e daí às audiências semanais em que o presidente procurava ouvir o deputado mineiro e com ele trocar idéias foi um passo. Quando, pouco tempo depois, Getúlio chamou Juscelino, então governador de Minas, e disse-lhe que gostaria de entregar a um mineiro a Pasta da Justiça, já era conhecida a admiração do presidente pelo deputado de São João del-Rei. A cada nome que Juscelino apresentava, Getúlio opunha uma objeção. Até que chegou um momento em que Juscelino foi direto ao ponto. “Estamos perdendo tempo”, disse o governador. “O senhor quer é fazer o Tancredo.” Getúlio concordou com a cabeça.

Com toda sua lealdade e sincera admiração por Getúlio — de quem recebeu uma caneta de ouro que guardaria como um troféu por toda a vida —, Tancredo nunca se erigiu em seu herdeiro ou continuador, como o fizeram João Goulart e Leonel Brizola. Isso fazia parte de seu recato. Tampouco Tancredo costumava pintar um Getúlio de esquerda, em luta contra o imperialismo ou as multinacionais. Isso fazia parte de seu conservadorismo. É sintomático que em uma das entrevistas que concedeu no início deste ano Tancredo tenha pegado Getúlio por um lado tradicional e conservador, ao falar de sua admiração pelo velho mestre. “Vargas me marcou muito pela lição de austeridade e de zelo pela coisa pública”, disse.

O conservadorismo de Tancredo tinha a ver também com sua reverência pelo passado, seu apego à herança cultural e política do país e às figuras da história. Sabe-se como ele cultuava Tiradentes. E é curioso como, tendo convivido com uma geração tão rica de políticos mineiros do presente, ele tenha se referido tantas vezes a um político mineiro do passado, Honório Hermeto Carneiro Leão, o marquês de Paraná. Presidente do Conselho de Ministros de 1853 a 1856, Paraná formou um gabinete que, promovendo a unidade entre partidos até então eternamente em disputa, inauguraria o período conhecido na história do Segundo Império como a “Conciliação”. É a partir daí que se consolidam as instituições monárquicas e o parlamentarismo dos tempos de dom Pedro II — pilares sobre os quais se erigiriam quatro décadas de paz política interna no país.

É evidente que o conciliador Tancredo haveria de se identificar com Paraná — mas não era só por aí, na verdade, que se poderia encontrar traços de união entre ambos. Paraná era

também, ao mesmo tempo, um político de fundas convicções conservadoras — feito sob medida para o lado do Tancredo conservador. Enfim, o Tancredo intransigente também caberia no figurino moldado pelo estadista do Império — vá-se consultar os livros para ver se Paraná foi de alguma forma condescendente para com os líderes da Revolução Praieira, a quem coube reprimir durante sua breve passagem pelo governo de Pernambuco. Paraná morreria ainda no poder, de males do fígado — portanto, do abdômen. Durante sua doença, os parlamentares amargaram um período de expectativa e incerteza. Para quem ainda não se fartou de tantos paralelos e coincidências históricas, na morte de Tancredo, aqui está mais um.

Tancredo era na verdade um político tradicional, naquilo que os políticos tradicionais, como os do Segundo Império, tinham de melhor a oferecer. Ele não era um político carismático, do tipo profético e condutor dos povos — e nunca quis ser. Seu estilo e seu temperamento eram do político parlamentar, que vai aos pouquinhos e não aos arranques, trabalha mais sentado do que de pé e exerce mais a paciência do que posa de portador das revelações iluminadas. São João del-Rei e Belo Horizonte deram-lhe a elegância, o apuro na linguagem e o horror às estridências. Mas quem lhe deu a noção da inutilidade das brigas irreparáveis, da paciência para ouvir e a capacidade de sempre tentar costurar o que parecia irremediavelmente esgarçado foi a atividade política, sobretudo a experiência parlamentar. Os bons parlamentares aprendem cedo que não se briga com quem se convive, pois o que diferencia o Congresso de um estádio de futebol é a possi-

No fim, o protesto

A campanha pelas diretas é necessária, porém lírico
Junho de 1983.

*

Se as esquerdas tivessem condições de mobilizar a massa humana que nós vimos na Praça da Sé, em Curitiba e Salvador já teriam tomado o poder neste país. *Fevereiro de 1984.*

*

Restaurar a democracia é restaurar a República. É edificar a Nova República, missão que estou recebendo do povo e se transformará em realidade pela força não apenas de um político, mas de todos os cidadãos brasileiros. *No discurso de novembro de 1984, em Vitória, Espírito Santo, em que lançou a Nova República.*

*

De norte a sul do Brasil, estou pregando, em praça pública, a unidade nacional. Prezo a concórdia, a construção do futuro, e não me prendo aos pesadelos do passado. *Idem.*

*

O povo é a substância da República, como prova a raiz latina da palavra. A República deve, pois, ser o compromisso fundamental do Estado para a solução dos problemas do povo, o atendimento de suas necessidades básicas até de sobre vivência. *Idem.*

*

Podem os brasileiros estar seguros de que faremos, com



prudência e moderação, as mudanças que a República requer. *Idem.*

Então, como foi? O Sarney tomou posse? Correu tudo bem? *Dia 15 de março, ao sair da anestesia da primeira cirurgia.*

Rezem por mim. Antes de ser anestesiado para a segunda cirurgia.

Preciso não, eu devo sarar. *Aos médicos, recuperando-se da segunda cirurgia.*

Mas, doutor, eu estava tão bem ontem, tirei até fotos, e agora estou aqui? *Ao chegar ao Instituto do Coração, em São Paulo, para novos exames.*

Não pode ser depois? Estou tão cansado. *Ao ser informado de que seria submetido à terceira operação.*

Nós vamos vencer mais essa. *A dona Risoleta, antes da terceira operação.*

Se é necessário, vamos lá. Vamos acabar logo com isso. *Aos médicos, quando foi avisado da quarta cirurgia.*

Eu não merecia isso. *Ao neto Aécio, indo para a sexta operação.*

bilidade de as torcidas conviverem no plenário e, sobretudo, nos corredores.

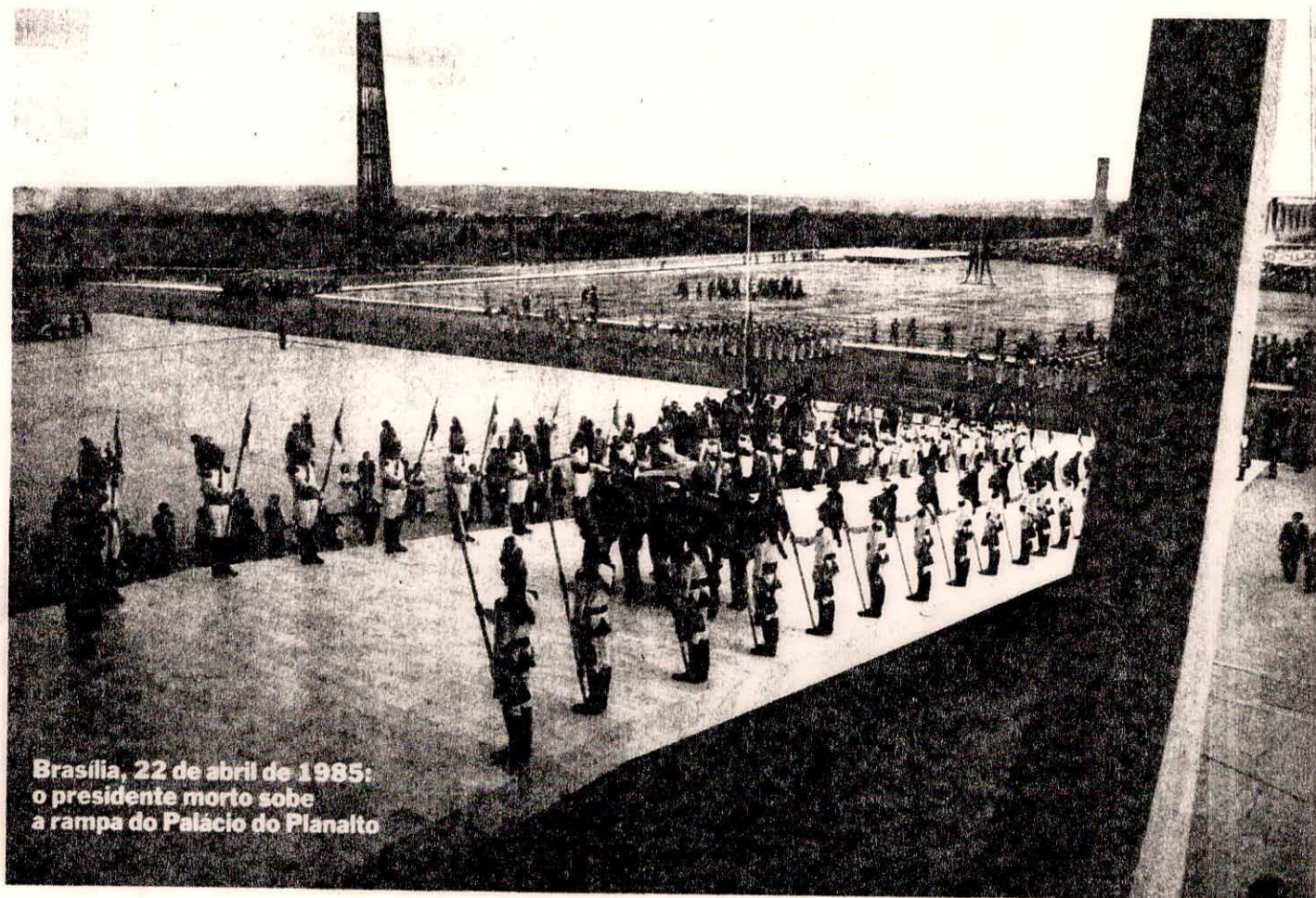
Há políticos que sabem história mas não a entendem, como o senador baiano Luiz Viana Filho, biógrafo do barão do Rio Branco e eleitor de Paulo Maluf. Há outros que a sabem, a entendem, mas recuam quando ela lhes mostra os dentes. Esse foi o caso do marechal Castello Branco, um inimigo da intervenção militar no poder, que não soube jogar sua biografia numa só cartada para contê-la. Tancredo, sem alarido de erudição, sem proclamações de coragem, percebeu, ainda moço, que a história do Brasil é singularmente generosa com os conservadores. Não há nela uma única figura de primeira linha que não seja ao mesmo tempo conservadora nas idéias e libertária na conduta. Com exceção de Getúlio Vargas, ainda o grande enigma da história do Brasil, a política brasileira só favorece quem governa com um olho à direita e as mãos em guarda na defesa das liberdades públicas.

Tancredo sabia como poucos alçar vôo acima das confusões do dia-a-dia e se colocar em sintonia com a história, como aconteceu no seu discurso do dia 15 de novembro do ano passado, aquele em que lançou a idéia da Nova República. "Neste 15 de novembro de transição democrática, concito e conclamo os cidadãos à tarefa de construirmos juntos a Nova República", começou Tancredo, falando perante o encontro da União Parlamentar Interestadual, reunida em Vitória. O que se seguiu foi uma primorosa costura da história passada com a história presente, em que, no fundo, o então candidato à Presidência da República apresentava o que



Sonho e pesadelo

O boneco de Tancredo durante a campanha para a Presidência, em Goiás, e em frente ao Instituto do Coração, em São Paulo, nos dias de vigília: em poucos meses, o salto da euforia para o drama que comoveu o Brasil



Brasília, 22 de abril de 1985:
o presidente morto sobe
a rampa do Palácio do Planalto

talvez tenha sido o maior de seus prodígios recentes — a conciliação entre a idéia de transição, e portanto de caminho sem sustos, e o desejo de mudanças. “A República venera e respeita o Império que ela encerrou sem violência nem injustiça”, disse Tancredo. E mais adiante: “A República nasceu para dar ao povo um regime no qual ele pudesse participar, escolhendo os seus governantes, em oposição ao direito hereditário dos reis. Vitorioso o movimento, uniram-se republicanos e monarquistas, sem ressentimentos ou sectarismos, para construir a nova ordem”.

Exatamente porque poucas vezes o Brasil esteve tão perto de ter um estadista à altura do momento do comando de seu destino, o vazio é maior, neste instante. Homens em tão grande sintonia com seu tempo, sem os quais seria impossível as coisas acontecerem como aconteceram, foram poucos na história do Brasil. Talvez se possa fazer algum paralelo com dom Pedro I, sem o qual não se compreende a independência como ela foi, de certa forma concertada com a monarquia portuguesa e a ela ligada por laços atávicos. Da mesma forma, homens que farão falta como Tancredo são poucos. Talvez, na história recente, um paralelo possível seja com o Jânio Quadros de verdade, efetivamente levado a Brasília.

Para Tancredo Neves o país confluía, nestes meses recentes, como o povo confluía, no dia de sua eleição, para a gigantesca bandeira nacional que o protegeu da chuva naquela

manhã em Brasília. Daquele dia de sonho para o pesadelo da vigília em frente ao Instituto do Coração, em São Paulo, deuse o salto mais atordoante da história das sucessões presidenciais no Brasil. “Agora este é um país que vale a pena”, bradava o deputado Ulysses Guimarães, naquele dia de glória da eleição no Colégio Eleitoral. Agora, apenas três meses depois, este é o país do luto e das indagações. Admita-se por hipótese que o novo governo venha a arrumar sua vida e até apurar em direção a um rumo seguro. Estará sempre faltando, porém, de forma inexorável, como resultado da armadilha mais cruel que o destino poderia pregar ao Brasil, neste momento, o doutor Tancredo.

Não se pode deixar de enxergar, porém, em meio a todos os azares registrados nestas últimas semanas, uma espécie de triunfo final para Tancredo. Poucas das tarefas de sua vida ele conseguiu cumprir até o fim — mas a verdade é que, com o enterro gigantesco e consagrador que mereceu do povo brasileiro, de certa forma pode se considerar perfeitamente completa e acabada a parábola de sua vida. Certa vez, ao se falar do fim dos políticos, José Maria Alkmin, aquele mesmo Alkmin das malandragens e peripécias fantásticas do PSD mineiro, saiu-se com a seguinte frase: “Meu filho, a morte política só ocorre depois da morte física”. Não há dúvida de que no caso de Tancredo Neves a frase está correta. Sua morte política só ocorrerá quando os milhões de brasileiros que o homenagearam na semana passada o desejarem — e não há sinal de que venham a desejá-lo tão cedo.

O Brasil dos nossos dias
não admite um exclusivismo

do governo e nem o da

oposição. governo

e oposição acima dos seus

objetivos políticos, têm

deveres inalienáveis

com o nosso povo.

Tancredino Neves

Outro trecho manuscrito do discurso de despedida de Tancredino Neves no Senado:
"O Brasil dos nossos dias não admite nem o exclusivismo do governo nem o da oposição.
Governo e oposição, acima dos seus objetivos políticos, têm deveres inalienáveis com o nosso povo"